

A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A AURORA

Vol. 15, No. 2
MARÇO-ABRIL 2022

Dawn Bible Students Association
Divisão em português
PO Box 521167
Longwood, FL 32752 U.S.A
www.dawnbible.com

Siva-se notificar-nos imediatamente sua mudança de domicílio. Inclua a etiqueta de envio de sua revista, e envie-a juntamente com seu novo endereço. Preço anual: US \$12.00 (6 números) Sem custo de fora os EUA

ALEMANIA: Tagensbruck Bibelstudien-Vereinigung, Alzeyer Str. 8 (Postfach 252), D 67253 Freinsheim

ARGENTINA: El Alba, Calle Almirante Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires
estudiantesdelabiabliargentina@gmail.com

AUSTRALIA: Berean Bible Institute, PO Box 402, Rossana, Victoria, 3084

BRASIL: PO Box 521167, Longwood, FL USA 32752

CANADÁ: PO Box 1565, Vernon, British Columbia, V1T 8C2

COLOMBIA: A.A. 7804, Medellín, Antioquia

ESPAÑA/ITALIA: El Alba, Via Ferrara 42, 59100 Prato - Italia

FRANCIA: L'Aurore, 39A rue des Bois, 68540 Feldkirch

GRECIA: He Haravgi (The Dawn) PO Box 521167, Longwood, FL USA 32752

INDIA: The Dawn, Blessington, #34, Serpentine St., Richmond Town, Bangalore 560025

ISLAS BRITÁNICAS: Associated Bible Students, 102 Broad Street, Chesham Bucks HP5 3EB

CONTEÚDO DESTE NÚMERO

DESTAQUES DA AURORA

Em Memória de Cristo 2

ESTUDOS INTERNACIONAIS

DA BÍBLIA

A proclamação de Ciro 12

A Reconstrução do Tempo
de Israel 15

A Casa Dedicada do Senhor 18

Lembra-te do Senhor teu Deus 21

DATA PARA A CELEBRAÇÃO

DO MEMORIAL DE 2022 24

The Dawn - Portuguese Edition

March-April 2022

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia

usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/

ACF – Edição de 2011

Printed in USA

Em Memória de Cristo

“E tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lhe, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.

Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós.”
— ***Lucas 22:19,20***

A DATA deste ano para a Ceia Memorial irá ocorrer na quinta-feira à noite, no dia 14 de abril, após o pôr do sol. É a data apropriada para comemorar a morte de Jesus, nosso Redentor, sendo o aniversário do dia em que foi condenado à morte e crucificado há quase vinte séculos.

A Ceia Comemorativa celebra todos os anos por cristãos dedicados em toda a terra está associada à Páscoa de Israel, estabelecida por Deus em conformidade com o foi

registrado no Êxodo 12:1-14. A Comemoração não é uma continuação da Páscoa de Israel, nem é o cumprimento da Páscoa. Jesus, por sua morte sacrificial como o “Cordeiro de Deus”, cumpriu o quadro da Páscoa. (João 1:29) Nossa Comemoração agora é em comemoração da morte de Jesus, o Cordeiro Pascal maior. O Apóstolo diz: “Cristo, nosso cordeiro pascal, foi sacrificado. Celebremos, portanto, a festividade.” — I Cor. 5:7,8, Traduzido da Versão Padrão em Inglês

A Páscoa original, celebrada pelos judeus na noite

anterior à sua libertação do Egito, estava intimamente associada a essa libertação. Da mesma forma, vemos que o sacrifício de Jesus, o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, possibilita a libertação de toda a humanidade da escravidão do pecado e da morte. Na primeira celebração da Páscoa de Israel, os primogênitos de cada família estavam em perigo direto de morte. A segurança deles dependia da proteção do sangue do cordeiro pascal que havia sido sacrificado. E desta forma, eles foram protegidos da morte e depois libertados, sendo representados na tribo levítica como os servos de toda a casa de Israel. — Êx. 11:4-7; 12:12,13; Num. 3:11-13

Nesta era cristã, descobrimos que há também uma classe de “primogênitos” que estão em perigo direto de morte e que estão sob a proteção do sangue de Jesus, o Cordeiro Pascal maior. O apóstolo Paulo se refere a este grupo como a “igreja dos primogênitos, que estão escritos nos céus”. (Heb. 12:23) Estes, como os primogênitos de Israel, são protegidos pelo sangue e mais tarde entregues à “gloriosa liberdade dos filhos de Deus”. (Rom. 8:21) Juntamente com Jesus, eles se tornarão os líderes do povo no reino vindouro de Deus. Por meio de sua administração, todas as famílias da Terra serão finalmente libertas do pecado e da morte, restauradas à perfeição original e à vida perdida pelo pecado de nossos primeiros pais. — Rom. 5:12,18,19; Lucas 19:10; Atos 3:20-25

A condição sob a qual esta classe primogênita teve a permissão para viver e reinar com Cristo e compartilhar com ele na obra futura da libertação da humanidade, é que eles sofram e morram com ele. (Rom. 8:17; II Tim. 2:11,12) Jesus foi levado “ao matadouro, e como a ovelha ficou mudo perante os seus tosquiadores, de modo a não abrir a boca”. Da mesma forma, diz-se que a igreja será “dizimada todos os dias” e “contada como ovelha que vai

para o matadouro”. — Isa. 53:7; Rom. 8:36

O QUE GUARDAMOS NA NOSSA MENTE

A partir do resumo anterior dos pensamentos associados à Ceia Comemorativa, podemos ver que em primeiro lugar em nossas mentes e corações, nesta ocasião, deve estar o grande amor do Pai Celestial, como foi demonstrado no dom de seu unigênito Filho. (João 3:16; II Cor. 9:15) Nosso apreço pelo amor de Deus deve, de fato, aumentar ao refletirmos sobre o grande empenho envolvido no envio de seu Filho amado para morrer em nome de toda a humanidade.

Nossa apreciação sobre Jesus também deverá aumentar. Enquanto o Pai Celestial em seu amor enviou seu único Filho, também é verdade que nosso Senhor participou de bom grado deste planejamento divino. Os sentimentos de seu coração sempre foram: “Eu me deleito em fazer a tua vontade, ó meu Deus: sim, a tua lei está dentro do meu coração”. (Ps. 40:7,8; Heb. 10:5-7) Nossa gratidão a Deus e a seu Filho, Jesus, pela grande dádiva da redenção será na proporção da nossa compreensão da plenitude de tudo que está implícito em tão maravilhosa provisão para a humanidade sofredora e moribunda.

Compreender plenamente o que a morte de Jesus significa, deverá nos conduzir à humildade, pois nos impressionamos com a nossa própria condição imperfeita e desfeita. Deveria nos ajudar a percepção de que não temos nada de nosso de que possamos nos vangloriar, nem com que possamos recomendar-nos ao Senhor e esperar o seu favor. (Ef. 2:8,9) Deve nos ajudar a entender mais plenamente o significado vital daquelas bem conhecidas palavras do hino: “Em Cristo, a Rocha sólida, eu me firmo; Todos os outros motivos são areias movediças.”

À medida que somos lembrados de nossas próprias

imperfeições e da necessidade de estarmos sob a proteção do sangue de Jesus, devemos nos tornar cada vez mais solidários com os outros, especialmente com nossos irmãos. É uma tolice imensa criticar os outros por causa de suas fraquezas, quando, na verdade, somos afligidos por imperfeições similares, e possivelmente ainda maiores, do que aqueles indivíduos que estamos julgando e menosprezando.

Na noite da primeira Ceia Memorial, instituída pelo próprio Mestre, havia uma pessoa presente, Judas, que tinha no coração a vontade de trair o Senhor. Convém, portanto, que ao aproximar-se o momento da celebração da Memória deste ano, cada um dos consagrados verifique cuidadosamente o próprio coração, para se certificar de que não está julgando e condenando, traindo um dos irmãos do Senhor. —I Cor. 11:27,28

Na Páscoa dos israelitas, eles foram ordenados a ter suas casas livres de todo fermento ou fermento. Ao comemorarmos a morte do Cordeiro de Deus, é importante que tenhamos nossos corações desprovidos do fermento do pecado. Que possamos, de fato, examinar a nós mesmos para ter certeza de que nossos corações estão cheios de amor e compaixão para com todos, e que estamos prontos a dar as nossas vidas pelos nossos irmãos. 5:7,8; João 15:12,13

UMA VERDADEIRA EXPRESSÃO DE AMOR

No décimo terceiro capítulo do 1o. Versículo do Coríntios, o apóstolo Paulo enumera diversas características do amor, entre as quais está sua afirmação de que o amor “não busca os seus próprios interesses”. (vs. 5) Vemos essa característica específica do amor do Mestre em evidência no momento em que instituiu o Memorial original. Foi o amor que não busca os seus que impeliu Jesus a

fazer o sacrifício supremo em favor da igreja e do mundo. Foi esse amor também que permitiu que ele se dirigisse ao traidor, Judas, como “amigo”. (Mateus 26:47-50) Jesus não havia cometido nenhum mal pelo qual deveria sofrer. Ele sempre foi justo, justo e em harmonia com a vontade de seu Pai. No entanto, ele voluntariamente se rendeu a seus acusadores e se permitiu não somente ser traído, mas também crucificado. Aqui estava o exemplo final de como o amor divino não busca o que é seu.

Convém, ao nos lembrar da morte do nosso Redentor e ao procurar entender melhor as razões que levaram a este sacrifício extremo, que examinemos o nosso próprio coração para nos certificar de que está cheio de amor verdadeiro que “não está visando” os seus próprios intentos. Este exame interno é possibilitado se observarmos a nossa atitude para com aqueles que sentimos que podem ter nos prejudicado de alguma forma. Temos o espírito de retaliação? Desejamos retribuir a altura? Achamos que a justiça exige que os erros dos outros sejam expostos e punidos publicamente? Por outro lado, é o amor que enche o nosso coração é inteiramente como o amor do Mestre que estamos dispostos a renunciar às exigências da justiça estrita e, não a buscar o nosso próprio, dar nossa vida pelos interesses de todos, mesmo aqueles que nos ofenderam?

O principal poder motivador do pecado é o egoísmo. Portanto, ao nos esforçarmos para purificar nosso coração do fermento do pecado, com o intuito de participarmos da Ceia Comemorativa de maneira aceitável, é bom que observemos até que ponto nossos pensamentos, palavras e ações são motivados pelo interesse próprio, e não pelo desejo de conhecer e fazer a vontade do Pai. O interesse próprio pode se manifestar em várias linhas. Por exemplo, pode ser um desejo de conforto, prazer, saúde, riqueza, ter

nosso próprio caminho ou ambição. Se encontrarmos tais áreas de fraqueza, não há melhor momento para nos dedicarmos novamente a fazer a vontade de Deus do que quando comemoramos a morte de Jesus, nosso Redentor. Ao fazer isso, devemos ter plena compreensão do fato de que, ao deixar de lado o interesse próprio e cumprir a vontade de Deus, nós também, como Jesus, seremos conduzidos nos caminhos do serviço e sacrifício em favor dos outros.

O PÃO E A TAÇA

Jesus e seus discípulos estavam reunidos no “cenáculo” para comer a ceia da Páscoa. Aparentemente, foi no final disso que o Mestre tomou alguns dos pães ázimos e alguns dos frutos da videira que haviam sobrado e instituiu a Ceia Comemorativa. (Lucas 22:7-15; Mat. 26:26-29) Ele tomou o pão e, depois de abençoá-lo e parti-lo, deu-o aos seus discípulos, e disse: “Tomai, comei: isto é o meu corpo, que é partido por vós”. (I Cor. 11:24) O Mestre quis dizer que este pão representava simbolicamente seu corpo, e ao participar dele os discípulos diziam que se apropriaram alegremente da vida que se tornou possível por meio do sacrifício da humanidade de Jesus.

No início de seu ministério terreno, Jesus declarou: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue terá a vida eterna”. E acrescentou: “Pois a minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue é, na verdade, bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue está em mim e eu nele.” Os discípulos acharam muito difícil compreender o significado dessas palavras e disseram entre si: “‘Duro é este discurso; quem o pode ouvir’ — João 6:54-56,60

Quando Jesus notou as dificuldades dos discípulos, ele tentou explicar. “É o Espírito que vivifica; a carne para

nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e são vida”. (v. 63) Esta foi a maneira encontrada por Jesus para explicar que ele não quis dizer que os discípulos deveriam comer sua carne no sentido literal da palavra ou então beber o seu sangue, pois isso, ele diz, “não é proveitoso”. Antes, sua explicação indicava que a maneira como os seus seguidores comeriam a sua carne e beberiam o seu sangue seria por meio da obediência às suas palavras vivificantes. A obediência às palavras de Jesus significa o reconhecimento de nossas próprias imperfeições e a necessidade de sua obra redentora em nosso favor. Além disso, implica uma dedicação total para fazer a vontade de Deus, o que significa que aceitaremos o convite de negarmos a nós mesmos, tomarmos a nossa cruz e seguirmos a Jesus. — Mat. 16:24

A obediência às palavras do Mestre, pelas quais nos apropriamos de seu corpo em pedaços e derramamos sangue, significa que nós, como ele, estaremos dispostos a entregar nossas vidas em prol do nosso serviço e sacrifício. (Rom. 12:1) Esta é a única condição sob a qual alguém pode receber a vida nesta Era Evangélica. Jesus deixou isso claro quando disse: “Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por minha causa, achá-la-á”. Mat. 16:25

Esta foi a maneira do Mestre de expressar o pensamento explicado mais tarde pelo Apóstolo Paulo quando ele disse que temos o privilégio de sermos batizados na morte de Jesus – “plantados juntos à semelhança de sua morte”. Sendo plantados juntos à semelhança de sua morte, temos a esperança de ser “à semelhança de sua ressurreição”. Morremos com ele para que possamos viver com ele. Sofremos com ele para podermos reinar com ele. — Rom. 6:3-5; II Tim. 02:11,12

Assim visto, fica claro que quando tomamos os

emblemas da Comemoração dos pães ázimos e do fruto da videira, isso simboliza que estamos aceitando a dádiva de Deus em nosso nome. Além disso, reconhecemos que a única resposta adequada a este dom da redenção através de Cristo nos tempos atuais é nos apresentarmos a Deus em modo de consagração, tomar a nossa cruz e seguir o Mestre em todos os aspectos das nossas vidas - em pensamento, palavra e ação.

O SANGUE DA NOVA ALIANÇA

Como já observamos, na manhã seguinte à morte do cordeiro pascal no Egito, todo o Israel foi libertado. Isso representa a libertação de toda a humanidade do pecado e da morte, que segue a passagem da “igreja dos primogênitos” durante a noite desta Era Evangélica. É importante, portanto, que ao lembrarmos da morte de Jesus, tenhamos em mente que a salvação e exaltação da classe “primogênita” não é a conclusão do plano e propósito divinos. Devemos lembrar que a morte e ressurreição de Jesus e da igreja, que vem na “primeira ressurreição”, estão levando à libertação de toda a humanidade durante o reino de Deus. (I Cor. 15:20; Rev. 20:6) O apóstolo Paulo declara: “Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora, ... aguardando ansiosamente a revelação dos filhos de Deus.” — Rom. 8:22,19, Versão Padrão Internacional

Ao instituir a Comemoração da sua morte iminente, Jesus lembrou os seus discípulos da provisão que estava sendo feita, não somente para eles, mas também para o mundo. Ele disse sobre o cálice, que continha o fruto da videira: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue”. (Lucas 22:20, Tradução Literal de Young) Esta é uma referência à promessa da Nova Aliança que será feita durante o reino messiânico, por meio da qual o mundo

inteiro ainda será reconciliado com Deus. — Jer. 31:31-34; Atos 15:14-17

É apropriado que Jesus se refira ao cálice como uma simbolização do sangue da Nova Aliança. O fato de que a criação de uma Nova Aliança é necessária e deve ser realizada por meio do sangue derramado de Jesus, implica que aqueles com quem ela deve ser feita estão atualmente alienados de Deus. Na época em que Jesus proferiu essas palavras, tanto a nação de Israel como o mundo inteiro estavam alienados de Deus em decorrência do pecado. E isso ainda ocorre atualmente. O único meio pelo qual a penalidade pelo pecado pode ser anulada é através da obra redentora de Cristo. Seu sangue, portanto, garante a futura instituição desta Nova Aliança, pela qual Israel e os povos de todas as nações podem ser recuperados e abençoados.

Deste modo, entendemos que o sangue de Jesus tem um duplo benefício. Primeiro, é a fonte de vida para a igreja, e aquilo que converte o seu sacrifício em algo aceitável, durante esta Era Evangélica. Em segundo lugar, é também o seu sangue que possibilita as bênçãos da vida eterna que mais tarde serão oferecidas ao mundo da humanidade em geral. (I Pet. 1:18-20; 1 João 1:7; Col. 1:19,20) O apóstolo João explica claramente o assunto, afirmando que Jesus “é um sacrifício expiatório pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo”. — I João 2: 2, Novo Testamento de Weymouth

Seremos abençoados se, ao participarmos da Ceia Memorial em 2022, tivermos em mente estes pontos de vista altruístas. É uma lembrança, antes de tudo, do dom do amor de Deus em favor de toda a humanidade. Também nos lembra do grande privilégio que temos de compartilhar altruisticamente, nos tempos atuais, por meio do serviço e sacrifício no ministério de Cristo, e em prepa-

ração para a obra da próxima era. Finalmente, devemos ter em mente que através do sacrifício de Jesus e da igreja as bênçãos da restituição serão finalmente administradas a um mundo moribundo. Em resumo, comemoramos esta tríplice manifestação do grande princípio do amor divino. É esse amor que o próprio Deus demonstrou; amor que Jesus exemplificou ainda mais; e amor que deveria estar enchendo nossos corações. Esse mesmo amor divino finalmente se manifestará na bênção de todas as famílias da terra.

Todos aqueles que reconhecem a sua necessidade da obra redentora de Cristo, e se consagraram plenamente para fazer a vontade do Pai, são convidados a participar da Ceia Memorial. Estes, de fato, devem participar e, assim, renovar os seus votos de consagração. Sendo lembrado disso, cada um deve resolver novamente ser fiel até a morte. Portanto, “corramos com paciência a carreira que nos está proposta, tomando a Jesus como exemplo, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.” — Heb. 12:1,2 ■

A proclamação de Ciro

Versículo-chave:
***“Quem há entre
você de todo o seu
povo? seu Deus seja
com ele, e suba a
Jerusalém, que está
em Judá, e edifique a
casa do SENHOR
Deus de Israel.”***
— Esdras 1:3

***Versículos
selecionados: Esdras
1:1-11; 2:64-70***

reconstrução do templo. Todos os hebreus foram chamados a contribuir com o que pudessem para essa empreitada. — Esdras 1:1-6

Como o Senhor despertou o espírito de Ciro para que fosse feita esta declaração? A resposta a esta pergunta é que o profeta Daniel esteve, por um curto período de tempo, em contato próximo com o rei Ciro e foi usado por Deus para orientar o rei no que ele deveria fazer. Daniel era um jovem quando os setenta anos de cativeiro começaram e foi

OS SETENTA anos de cativeiro de Israel começaram sob o rei Nabucodonosor da Babilônia e continuaram após a queda da Babilônia na ascensão do Império Medo-Persa. (Jer. 25:9-11; II Cron. 36:22,23) Passados os setenta anos, “o SENHOR despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia”, para fazer uma proclamação concedendo A liberdade aos cativos judeus, incluindo provisões para cobrir o custo DO seu retorno e a

convocado para prestar os seus serviços para o rei da Babilônia Nabucodonosor. Nabucodonosor foi sucedido pelo Rei Belsazar, que por sua vez foi seguido por “Dario, o medo”, que determinou que Daniel teria o “domínio sobre todo” o reino. (Dan. 5:30,31; 6:1-3) “Daniel prosperou no reinado de Dario e no reinado de Ciro, o persa”, sucessor de Dario. — Dan. 06:25-28

Durante o primeiro ano do reinado de Ciro, ele emitiu uma proclamação de liberdade aos cativos hebreus, permitindo que eles retornassem a Jerusalém e, como nosso Versículo Principal afirma, “edificar a casa do Senhor Deus de Israel”. Daniel já era um idoso durante o primeiro ano do reinado de Ciro. (Dan. 1:21) Ao fim dos setenta anos do cativeiro de Israel, Daniel teria prestado, fielmente, o seu testemunho ao novo Rei Ciro a respeito do papel que Deus havia designado na realização do propósito divino para o retorno de Israel à sua terra.

Daniel foi um estudioso da Palavra de Jeová, incluindo a profecia de Jeremias sobre os setenta anos do cativeiro de Israel. (Jer. 25:11,12; 29:10; Dan. 9:2) Ele também estava ciente sobre a profecia de Isaías, registrada a quase 150 anos antes, que Deus usaria a Ciro como seu “ungido” — em outras palavras, ele seria aquele divinamente designado para proclamar liberdade aos hebreus. Daniel também estaria ciente de que, como ungido do Senhor, Ciro seria um “pastor”, falando simbolicamente, alguém que “realizaria tudo” que o Senhor determinasse. Portanto, Daniel sabia, que ele deveria incluir todas as provisões para o cuidado e proteção dos hebreus em relação ao seu retorno a Jerusalém e à reconstrução do templo. — Isa. 44:28; 45:1-4

Daniel também pode ter informado a Ciro a informação revelada no sonho de Nabucodonosor, onde quatro potências mundiais sucessivas foram representadas por

ouro, prata, latão e ferro em uma grande imagem humana. (Dan. 2:31-38) Neste sonho, a “cabeça de ouro” representava o Império Babilônico. Este império foi sucedido pelo “peito e ... braços de prata”, representando o império medo-persa, sobre o qual Ciro governava. Daniel teria explicado que a autoridade de Ciro para governar fora dada pelo “Deus do céu”, o que evidentemente despertou no rei a vontade de tomar alguma ação referente a isso. Quão gratos devemos ser ao encararmos as providências dominantes de Deus referente ao seu povo escolhido, Israel, e àqueles que como Ciro, tinham a personalidade adequada para ser usado de maneira especial por Jeová. ■



A Reconstrução do Tempo de Israel

Versículo-chave: “E os anciãos dos judeus edificaram, e prosperaram por meio da profecia de Ageu, o profeta, e de Zacarias, filho de Ido. E eles a edificaram e a terminaram, conforme o mandamento do Deus de Israel, e conforme o mandamento de Ciro, e Dario, e Artaxerxes, rei da Pérsia.”
— *Esdras 6:14*

Versículos selecionados:
Esdras 6:1-15

ALGUM tempo mais tarde, após a morte do rei persa Ciro, os adversários dos judeus enviaram uma carta ao rei Artaxerxes, acusando falsamente os israelitas da reconstrução da cidade. (Esdras 4:7-16) Na verdade, nessa época os israelitas estavam reconstruindo o templo. No entanto, os astutos inimigos do povo de Deus levaram o rei a acreditar que era a cidade e seus muros que estavam sendo construídos. Consequentemente, o rei ordenou que toda a reconstrução

cessasse. —vs. 17-24

Anos se passaram sem que nenhum trabalho adicional fosse feito para a reconstrução do templo. Então Deus suscitou dois profetas, Ageu e Zacarias, e por meio deles “despertou o espírito de Zorobabel”, governador de Judá, e “o espírito de Josué”, o sumo sacerdote, “e o espírito de

todo o restante do povo; e eles vieram e trabalharam na casa do Senhor.” — Esdras 5:1; 6:14; Hag. 1:14

Os inimigos de Israel novamente tentaram impedir a obra, indagando quem havia autorizado que retomassem a reconstrução do templo. Os líderes judeus responderam que era pela autoridade de seu Deus e também que um decreto havia sido emitido pelo Rei Ciro. — Esdras 5:3-16

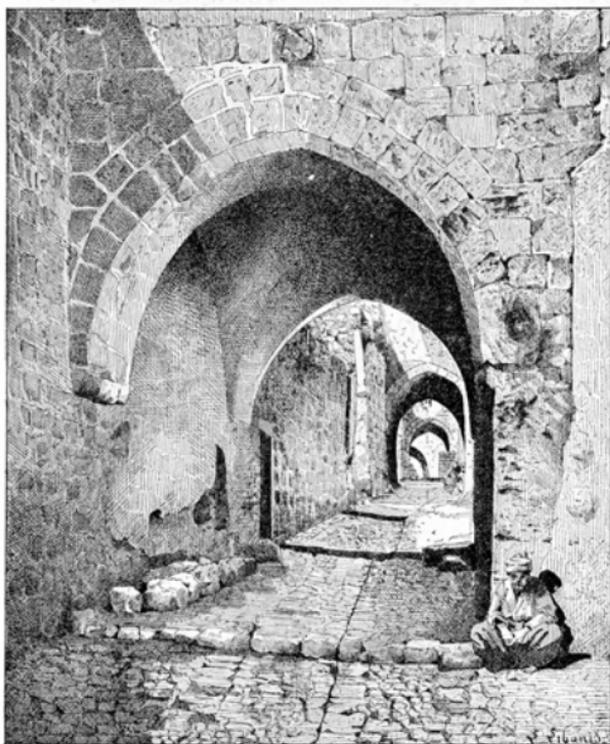
Uma carta foi enviada a Dario, agora rei da Pérsia, [um rei posterior a “Dario, o medo” de Daniel 5:31], pedindo que fosse feita uma busca para descobrir se tal decreto havia sido emitido. Os registros foram pesquisados e o decreto de Ciro foi encontrado. Dario então fez uma proclamação: “Deixe o trabalho desta casa de Deus em paz; que o governador dos judeus e os anciãos dos judeus construam esta casa de Deus no seu lugar.” — Esdras 6:1-7

O rei Dario também ordenou que “novilhos, carneiros e cordeiros, fossem oferecidos para o Deus do céu”, e também “trigo, sal, vinho e azeite” fossem fornecidos “todos os dias sem falta: para que possam oferecidos sacrifícios com cheiros suaves ao Deus do céu, e ora pela vida do rei e de seus filhos.” —vs. 8-10

Como resultado desse decreto favorável de Dario e das palavras encorajadoras dos profetas de Deus, Ageu e Zacarias, a reconstrução do templo foi concluída no sexto ano do reinado de Dario. —vs. 14,15

Houve muita alegria quando o templo foi finalmente concluído, e foi dedicado com muita cerimônia. Ageu, um dos profetas usados por Deus para incitar o espírito do povo a retomar e a completar a reconstrução do templo, também profetizou a respeito de uma “casa” ainda maior. Lemos: “Pois assim diz o SENHOR dos Exércitos; ainda uma vez, daqui a pouco, ... E abalarei todas as nações, e virá o desejo de todas as nações; e encherei esta casa de glória, diz o Senhor.” — Ag. 2:6,7

Paulo cita os versículos anteriores e os aplica ao tempo atual de grande “abalo”, ao qual o mundo seria preparado e que os conduzirá para o reino do Messias. (Heb. 12:26-28) A “casa” que Ageu disse que o Senhor encheria com sua glória é o templo simbólico de Deus, que é Cristo e a sua igreja em glória — a fase espiritual do reino. ■



A Casa Dedicada do Senhor

Versículo-chave: “E os filhos de Israel, os sacerdotes e os levitas, e o restante dos filhos do cativoiro, celebraram com alegria a dedicação desta casa de Deus.”
Esdras 6:16

e Versículos selecionados:
Esdras 6:16-22

FAZIA quase vinte anos desde que Ciro, rei da Pérsia, emitiu a proclamação de que os judeus retornassem à sua terra natal e reconstruissem seu templo que havia sido destruído pelo exército babilônico. O trabalho de reconstrução já estava feito o templo estava terminado. Se não fosse a ajuda de Deus em prover a liderança de

Josué, o sacerdote, e Zorobabel, o chefe da tribo de Judá, e o incentivo dos profetas Ageu e Zacarias, a obra provavelmente não teria sido concluída. — Esdras 6:14

Da mesma forma, como ocorre com qualquer serviço que possamos realizar para o Senhor, não somos suficientes para completar a tarefa por nós mesmos. Nós, como feito por Israel, devemos olhar para nossos líderes espirituais, Jesus e seus apóstolos, em busca de incentivo e força para realizar a obra que o Pai Celestial deseja que façamos. “Não que sejamos suficientes por nós mesmos para pensar que nós mesmos somos capazes de qualquer coisa; mas a nossa suficiência vem de Deus.” — II Cor. 3:5

Da mesma forma, em nossas experiências cotidianas na vida, devemos contar com a ajuda de Deus por meio da oração e súplicas a ele. “Acheguemo-nos, pois, com confiança ao trono da graça, com o intuito de alcançarmos a misericórdia e acharmos a graça que irá nos socorrer quando fosse necessário”. (Heb. 4:16) Paulo percebeu isso em sua própria vida. Ao falar da fraqueza de sua visão, ele foi lembrado pelo Senhor: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.” — II Cor. 12:7-9

O nosso Versículo Principal indica que todos os judeus que haviam retornado do cativeiro se uniram na dedicação do templo reconstruído. O evento foi de grande alegria, ação de graças e reflexão sobre o que eles conseguiram realizar com a ajuda do Senhor. Como queria a providência divina, a conclusão e dedicação do templo coincidiram com o primeiro mês do ano religioso dos judeus. E, portanto, foi declarado: “Os filhos do cativeiro celebraram a páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês. ... E celebrou a festa dos pães ázimos por sete dias com alegria; porque o Senhor os havia alegrado, e a eles converteu o coração do rei da Assíria [Pérsia], para fortalecer as suas mãos na obra da casa de Deus”. —Esdras 6:19,22

Os filhos de Israel dedicaram o templo com alegria. Como parte da cerimônia, eles deram “como oferta pelo pecado de todo Israel, doze bodes, segundo o número das tribos de Israel”, indicando que todas as doze tribos estavam representadas entre os cativos que retornaram. vs. 16,17

O povo de Deus atualmente, os seguidores de Cristo, também deve se regozijar em dedicar suas vidas ao Pai Celestial. A igreja é mencionada como a morada de Deus, seu templo. “Não sabeis que sois o templo de

Deus?” (I Cor. 3:16) Estando nesta condição simbólica de “templo”, devemos nos banquetear continuamente com o Senhor, participando da sua verdade, do seu exemplo, das suas palavras e do seu caráter. Israel manteve uma festa de sete dias – sete significando completude ou perfeição. Nosso banquete no Senhor é diário, com toda a nossa vida representada como sendo o banquete completo de sete dias sobre os pães “ázimo” da Verdade. — I Cor. 5:8 ■



Lembra-te do Senhor teu Deus

Versículo-chave:
“Guarda-te, que não te esqueças do Senhor teu Deus, falhando em guardar os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos, que hoje são ordenadas.”
— *Deuteronômio 8:11*

Versículos selecionados:
Deuteronômio 8:1-11

O DEUTERONÔMIO é um dos livros mais importantes da Bíblia. Dele, Davi e outros profetas do Antigo Testamento extraíram a mais vasta da sua inspiração, e nosso Senhor Jesus e os apóstolos fizeram referência às suas palavras. É um grande resumo da lei de Deus.

No livro de Deuteronômio estão registrados vários discursos públicos proferidos por Moisés, aquele grande profeta de Deus, líder de Israel e mediador da Aliança da Lei. A escrita deste livro pode ter sido um trabalho gradativo feito por Moisés. No entanto, sua entrega ao povo de Israel foi aparentemente reservada até pouco antes de sua morte, quando os israelitas logo passariam o rio Jordão sob a liderança de Josué para tomar posse da terra prometida. Um dos objetivos deste livro era impressionar os israelitas com as importantes lições de seu passado e inspirá-los à reverência a Deus.

Por meio de Moisés, Deus havia feito uma aliança com

os filhos de Israel, em harmonia com sua promessa feita a Abraão, seu pai. Quatrocentos e trinta anos depois de suas promessas a Abraão, Jeová liberou a Israel da sua escravidão no Egito, e os converteu em uma nação no deserto. (Êx. 12:40,41) Deus havia proposto a eles que, se guardassem suas leis e seus estatutos, ele os converteria em um povo grandioso, acima de todas as outras nações da terra. Fizeram esse convênio com o Senhor e declararam que aceitariam as suas provisões divinas e que daria a oportunidade, no devido tempo, de levar as bênçãos de Deus a toda a humanidade. — Êx. 19:3-8

Enquanto os israelitas se preparavam para cruzar o rio Jordão e entrar na terra que Deus havia prometido, Moisés explicou a eles que não era suficiente que eles tivessem aceitado as condições da Aliança da Lei e se tornado o povo escolhido do Senhor. Deus os submeteria a “provas” ou testes. (Deut. 8:2) Moisés lembrou ao povo toda a benevolência do Senhor em seu favor e repetiu os mandamentos e estatutos da Lei pelos quais deveriam ser governados. Ele também deu advertências solenes sobre as consequências de se esquecer de Deus e quebrar sua aliança. —vs. 3-20

Da mesma maneira, Deus está agora provando a igreja, o Israel espiritual. (I Cor. 3:13) Ele está testando todos os que fizeram um pacto com ele para saber se estão plenamente devotados a fazer a sua vontade. Portanto, devemos nos perguntar: Nossa vida é dedicada a nós mesmos em primeiro lugar, ou a Deus em primeiro lugar? Os nossos objetivos são principalmente os de sucesso na vida presente, ou a honra de Deus e a realização de sua vontade? Dessa forma, o Pai Celestial está nos provando para determinar quem será considerado digno de reinar com Cristo em seu reino vindouro. — Heb. 12:6-11; Rev. 3:21; 20:6

O trato de Deus conosco sobrepassa o seu modo de tratamento do Israel natural. A nossa responsabilidade é muito maior. A fase celestial do reino será apenas para aqueles que, em coração e caráter, se tornarem como o Mestre. Eles devem amar a Deus com todo o seu coração e com toda a sua capacidade atual em pensamento, palavra e ação. Eles devem ter a capacidade de dizer ao Pai Celestial, como Jesus fez: “Não se faça a minha vontade, mas a tua.” — Lucas 22:42 ■



DATA PARA A CELEBRAÇÃO DO MEMORIAL DE 2022

O Memorial (Ceia do Senhor) é celebrado anualmente. Este ano vamos celebrá-lo devidamente na quinta-feira, 14 de abril, após o pôr do sol.

